

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Comunicação e Mídias

ARTUR MARQUES DIAS

MEMÓRIA DEPOIS DA LAMA

São Paulo
2023

ARTUR MARQUES DIAS

MEMÓRIA DEPOIS DA LAMA

**Memorial apresentado para a conclusão da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso II, Curso de
Comunicação e Múltiplos Meios da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo.**

Orientadora: Profa. Dra. Jane de Almeida

ARTUR MARQUES DIAS

MEMÓRIA DEPOIS DA LAMA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jane de Almeida

Prof. Dr. Marcus Bastos

Profa. Dra. Mônica de Carvalho

“Não me iludo

Tudo permanecerá do jeito que tem sido

Transcorrendo, transformando

Tempo e espaço navegando todos os sentidos”

(Gilberto Gil)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Raimundo e Neide, que tanto me ensinaram e cujo suporte foi essencial para me manter firme nesta jornada, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos e familiares que me acompanharam neste processo, especialmente à minha irmã e melhor amiga, Fernanda, pela companhia e pelas risadas de tantos momentos. Importante agradecer também às Professoras Jane de Almeida e Elisabete Alfeld pelas orientações durante esse trabalho.

RESUMO

A memória é parte essencial da constituição do ser humano e a partir da exploração de suas camadas pode-se perceber a variedade de significados que ela pode possuir. Assim, o presente vídeo buscou compreender como suas diferentes características se manifestam individual e coletivamente em contextos de grande turbulência. Memória depois da lama, é um vídeo-ensaio que busca em produções audiovisuais sobre os desastres-crime de Mariana e Brumadinho, elementos para discutir as relações entre as tragédias, as memórias dos sobreviventes e as identidades envolvidas nos ocorridos. Nele, a memória é estabelecida em níveis, seguindo a proposição do antropólogo Joël Candau (2011), e como eles foram afetados pelos desastres-crime no caso dos sobreviventes; também é sugerido o Rio Doce como representante simbólico do impacto das tragédias não apenas ambientalmente, mas igualmente nos níveis da memória e nas identidades dos ribeirinhos afetados. O objetivo é explorar a potencialidade das recordações como forças de características e efeitos diversos, bem como sugerir novas possibilidades de diálogo entre o audiovisual e as ciências sociais. O diferencial do vídeo está em utilizar o ensaio enquanto formato e a montagem como linguagem para explorar as nuances da memória para além do simples ato de recordar, a apontando também como simbologia, resistência e ferramenta de mudança através da resignificação de elementos visuais e sonoros.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Mariana e Brumadinho; Rio Doce

ABSTRACT

Memory is an essential part of the constitution of the human being and by exploring its layers it is possible to perceive the variety of meanings it can have. Thus, this video sought to understand how their different characteristics manifest themselves individually and collectively in contexts of great turbulence. Memory after mud, is an essay film that seeks in audiovisual productions about the crime disasters of Mariana and Brumadinho, elements to discuss the relationships between the tragedies, the memories of the survivors and the identities involved in the events. In it, memory is established in levels, following the proposition of anthropologist Joël Candau (2011), and how they were affected by crime disasters in the case of survivors; the Rio Doce is also suggested as a symbolic representative of the impact of the tragedies not only environmentally, but also on the levels of memory and identities of the affected riverside dwellers. The objective is to explore the potential of memories as forces with different characteristics and effects, as well as to suggest new possibilities for dialogue between audiovisual and social sciences. The film's difference is in using the essay as a format and editing as a language to explore the nuances of memory beyond the simple act of remembering,

also pointing it out as symbolism, resistance and a tool for change through the reframing of visual and sound elements.

KEYWORDS: Memory; Mariana and Brumadinho; Rio Doce

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração de mãe e filho Krenak	p. 12
Figura 2 - Igreja enlameada	p. 13
Figura 3 – Velório pós-desastre em Brumadinho	p. 14
Figura 4 – Rio Doce antes e depois dos desastres	p. 14
Figura 5 – “Zézão” observando o Rio Doce destruído	p. 15
Figura 6 – Pés infantis mescladas à água corrente, contraste geracional com “Zézão”	p. 15
Figura 7 – Placa de Rota de Fuga em Barra Longa (MG)	p. 16

SUMÁRIO

1. Introdução	p. 9
2. Fundamentação Teórica	p. 9
3. Conceituação do Produto	p. 11
4. Etapas de Realização	p. 12
4.1 Estratégias de direção	p. 12
4.2 Roteiro	p. 13
4.3 Textos de narração	p. 16
4.4 Materiais de arquivo	p. 19
4.5 Edição e montagem	p. 20
5. Pós-Produção	p. 20
6. Estratégias de visibilidades do produto	p. 21
7. Considerações finais	p. 21
8. Referências bibliográficas	p. 22

1 – INTRODUÇÃO

A memória é parte essencial da constituição do ser humano e a partir da exploração de suas camadas pode-se perceber a variedade de significados que ela pode possuir. Ela está intrinsecamente associada à experiência e pode ser compreendida em níveis, tal qual propõe o antropólogo Joël Candau (2011). Ele a classifica em três camadas: a protomemória, a memória de lembrança/de alto nível e a metamemória, e foi esta ideia de divisão que serviu como base para a abordagem do produto sobre o tema.

Audiovisuais que se utilizaram do formato do ensaio, como “São Paulo: Sinfonia & Cacofonia” (Bernardet, 1994) e “Carta da Sibéria” (Marker, 1957) serviram como inspiração em termos de linguagem. O primeiro inspirou a produção ao utilizar diversos audiovisuais na montagem de uma nova obra, ressignificando seus contextos originais. A transição orgânica das cenas e a composição sonora, ainda que de obras distintas, criam uma unidade de sentido muito fluida, tornando a montagem quase imperceptível. Já Marker, de forma pioneira, trouxe essa mudança de significado principalmente através do som, especialmente em um trecho em que ele repete as mesmas imagens diversas vezes, mas com narrações e músicas diferentes a cada repetição, gerando efeitos distintos sob as imagens e provocando o espectador a imaginar novas interpretações.

Assim, o presente trabalho, Memória depois da lama, uniu o uso criativo da montagem das obras citadas aos conceitos da memória de Candau em um vídeo-ensaio que discute a construção da memória a partir de produções audiovisuais sobre os desastres-crime de Mariana e Brumadinho. A busca é explorar como as diferentes características da memória se manifestam individual e coletivamente em contextos de grande turbulência e como ela pode ganhar novas perspectivas a partir dessas grandes mudanças.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dado que Memória depois da lama é um vídeo-ensaio, foi necessário retomar sua definição. Segundo Arlindo Machado (2003), a subjetividade narrativa e a pouca, ou nenhuma, intenção de busca por uma verdade concreta colocam o ensaio literário em uma posição distante do conceito ocidental de ciência e filosofia, do método científico para a construção do saber em si. Dessa forma, o gênero passa a estar em uma área cinza entre as esferas do conhecimento, não se encaixando plenamente nem como literatura nem ciência e esse raciocínio também se aplica ao produto. Devido à maleabilidade do ensaio, tanto literário quanto audiovisual, ficando a cargo do autor definir sua forma, me beneficieei por poder utilizar imagens de arquivo, narração e elementos gráficos de maneira condizente com o tema, que urgiu por uma abordagem

menos delimitada em função da sua natureza mais subjetiva. É importante ressaltar que, embora Machado especifique o gênero como “filme-ensaio”, me refiro a Memória depois da lama como “vídeo-ensaio” de maneira adaptada, pois é mais condizente à sua menor duração e seu meio de circulação voltado à internet.

O vídeo discutiu a construção da memória a partir da perspectiva do texto “Memória e Identidade” (2011), do antropólogo Joël Candau. Sobre a questão da memória, o autor estabelece níveis nos quais ela se manifesta: a protomemória, a memória de lembrança/de alto nível e a metamemória. A primeira é ligada aos hábitos sociais difundidos e quase inconscientes praticados pelo indivíduo de um dado conjunto social. A memória de lembrança inclui a mobilização ativa de recordações e vivências em diferentes períodos do tempo, enquanto a metamemória é a projeção desta memória do indivíduo sobre si mesmo, a forma com a qual ele se compreende, próximo à ideia de construção identitária (p. 21 – p. 24). Essas definições corroboraram no estabelecimento de qual perspectiva sobre a memória o vídeo tomaria e foram essenciais para relacionar os efeitos das tragédias sobre as memórias individuais e coletivas.

Para a concepção audiovisual do produto, o texto “A Linguagem Cinematográfica” (MARTIN, 2005) foi uma fonte teórica importante. Abordando a capacidade de produção simbólica da montagem, o autor infere que esta pode vir em decorrência da reunião de fragmentos da realidade que, juntos, extrapolam para uma produção de sentido mais larga (p. 123), princípio que foi seguido como base da montagem e edição do produto, não apenas visualmente, mas também da parte sonora. Destaco o uso dos depoimentos e imagens, que em diversos momentos estão se referindo a períodos e fatos distintos, mas que pela justaposição dentro do vídeo reforçam um sentido que nenhum dos dois possuía a priori.

Por fim, “Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa” (HOPKINS, 2009. Traduzido por Márcia Trigueiro) amplia a função da técnica cinematográfica trazendo uma abordagem multidisciplinar ao cinema ao tratar a geografia e a ilusão de realidade como partes intrínsecas de um filme. O autor afirma que o ato de retratar um dado local já configura uma carga de geografia, história e intenções que não necessariamente configuram a realidade em sua totalidade, ainda que sua natureza cinematográfica tente nos convencer do contrário.

A significação é necessariamente ideológica, porque o processo de estabelecer sentidos exclui intrinsecamente outros sentidos, e as convenções sociais que possibilitam partilhar sentidos são, elas mesmas, ideologicamente construídas. (HOPKINS, Jeff. In: CORRÊA; ROSENDAHL, 2009, p. 81).

Hopkins aponta o processo de significação como uma consequência inevitável da direção de uma obra audiovisual e que, primariamente, tem um poder de influência grande sobre o espectador que se investe na obra. No caso de Memória depois da lama, isso se fez presente na ressignificação das próprias imagens utilizadas, mas especialmente à perspectiva que atribuí ao Rio Doce dentro do contexto das tragédias. O autor menciona essa capacidade de manipulação como um elemento merecedor de cuidado, pois é capaz de gerar interpretações equivocadas, mas, ao associar o Rio Doce como um símbolo da memória local e reforçando na narração a arbitrariedade dos recortes do próprio vídeo, demonstrei atenção ao tema e ao próprio formato do produto, que reutiliza arquivos de novas formas.

3 - CONCEITUAÇÃO DO PRODUTO

A memória como tema surgiu durante minha pesquisa de Iniciação Científica em que analisei e discuti aspectos sociológicos e audiovisuais de obras sobre Mariana e Brumadinho. Nela, senti uma forte potencialidade nos depoimentos e fiquei interessado em explorar mais a fundo seus desdobramentos. Portanto, já possuía algum conhecimento sobre a maioria das produções que viriam a ser utilizadas e uma ideia geral de qual caminho conceitual teria o produto.

Memória depois da lama pretendeu seguir caminhos próximos, em termos de linguagem, ao de filmes-ensaio conceituados, como “São Paulo: Sinfonia & Cacofonia” (Bernardet, 1994) e “Carta da Sibéria” (Marker, 1957). O primeiro inspirou a produção ao utilizar diversos audiovisuais na montagem de uma nova obra, ressignificando seus contextos originais. A transição orgânica das cenas e a composição sonora, ainda que de obras distintas, criam uma unidade de sentido muito fluida, tornando a montagem quase imperceptível. Já Marker, de forma pioneira, trouxe essa mudança de significado principalmente através do som, especialmente em um trecho em que ele repete as mesmas imagens diversas vezes, mas com narrações e músicas diferentes a cada repetição, gerando efeitos distintos sob as imagens e provocando o espectador a pensar novas interpretações.

O produto trabalhou estas ideias de maneira híbrida. O uso de imagens de arquivo sobre os afetados e o Rio Doce foi um grande catalisador para esse tipo de alteração de sentido, em especial em momentos que pude perceber paralelos entre os depoimentos a respeito das tragédias e imagens diversas, como uma ilustração de mãe e filho Krenak num contexto de exploração que complementei com a fala de um morador de Mariana descrevendo o desespero das mães durante o rompimento da barragem.



Figura 1 – Ilustração de mãe e filho Krenak em contexto de conflitos históricos

Durante a produção foram notáveis como os próprios arquivos contaminaram os caminhos da direção. Por mais que relacionar os conceitos sobre memória com os depoimentos e imagens fosse a ideia inicial, outras nuances dos próprios audiovisuais influenciaram a narrativa como um todo. Os Krenak e a memória relacionada ao Rio Doce são um bom exemplo, pois a partir de reportagens e vídeos encontrados durante a produção, questões históricas e culturais sobre os povos indígenas se revelaram e pude conectá-las não apenas com questões memoriais coletivas do local, mas também da memória e história do próprio Brasil.

4 – ETAPAS DE REALIZAÇÃO

Vídeo-ensaio

4.1 Estratégias de direção

A direção foi concebida primariamente na coesão visual com o que está sendo narrado. O intuito foi construir uma unidade imagética a partir de diferentes fontes que pudessem convergir entre si e com a questão da memória, que é o grande foco da produção. Portanto, a direção esteve muito mais relacionada às escolhas de fontes e como interligá-las.

Filmes e reportagens grandes foram as principais origens de imagens. Essas escolhas foram inicialmente baseadas em obras que já havia assistido em decorrência da minha pesquisa de IC e foram se expandindo de acordo com novas pesquisas. O material recolhido foi montado sob filtros de cores e num formato de tela específicos a fim de não apenas ilustrar as falas, mas principalmente gerar interpretações menos óbvias no primeiro contato sobre a memória e suas camadas.

4.2 Roteiro com a estrutura narrativa

O roteiro estabelecido não seguiu um padrão pré-definido, mas sim um fluxo de pensamento que serviu como base para a montagem geral, seguindo a narração.

Abertura

Imagens que sintetizam alguns dos assuntos tratados aparecem aos poucos, misturadas e com pouca distinção entre elas. O Rio Doce, minas e um indígena estão entre esses elementos. Há sons de água corrente, chocalhos e badaladas crescentes. Tudo é interrompido por uma badalada mais forte e imagens dos rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho e a narração contextualiza os eventos e apresenta as questões que serão abordadas no decorrer do vídeo.

Capítulo 1 - O tempo e os níveis da Memória

A narração aborda os níveis da memória enquanto as imagens buscam ilustrar as ideias. É falado sobre o impacto das tragédias nos níveis e na relação das pessoas com essas alterações estruturais da memória. As imagens exemplificam através da montagem (imagem da igreja destruída junta a pessoas em um velório) junta aos depoimentos. A música cantada pelos ex-moradores de Bento Rodrigues marca o fim do capítulo.

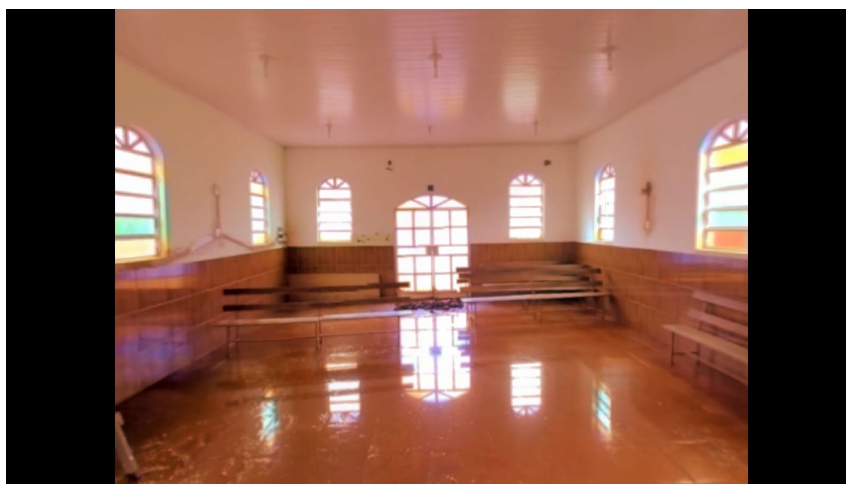


Figura 2 – Igreja enlameada



Figura 3 – Velório pós-desastre em Brumadinho

Capítulo 2 - Não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio

Aqui é introduzida a questão do Rio Doce. A narração apresenta como ele, grande afetado ambiental das tragédias, se tornou uma forma simbólica da memória desestabilizada ao passo em que está ferido, perdido e completamente alterado. Imagens do Rio Doce no Google Earth são utilizadas na comparação entre o rio de antes e de agora.



Figura 4 – Rio Doce antes e depois dos desastres

Capítulo 3 - Só morre quem é esquecido

A narrativa conecta o assunto do Rio Doce aos Krenak e como a sua memória tem uma relação diferente com as tragédias. O texto explicita a proximidade entre o povo e o Rio Doce, como sua perda afeta questões culturais profundas e como a memória se torna símbolo de resistência nesse contexto. As imagens aludem a ritos Krenak e a pessoas de

diferentes gerações. O som de correnteza é bastante presente, mas é interrompido quando o texto aborda a perda da conexão com o rio. Imagens de agressões aos Krenak do passado são emaranhadas junto aos ritos, criando uma noção de que os desastres foram mais um desses ataques aos povos originários e reforçando a ideia de memória coletiva e resistência.



Figura 5 – “Zézão” observando o Rio Doce destruído

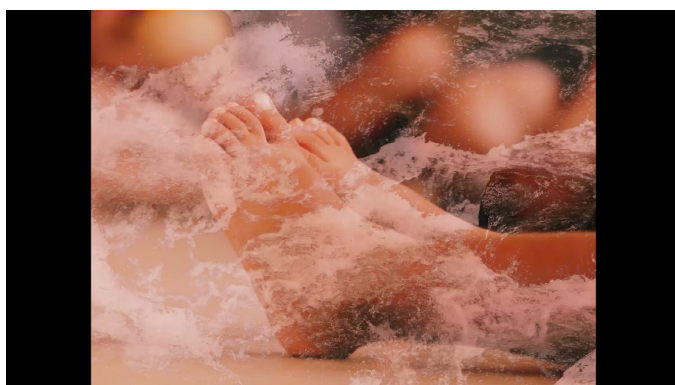


Figura 6 – Pés infantis mescladas à água corrente, contraste geracional com Zézão

Capítulo 4 - A lembrança da possibilidade de mudança

O encerramento se inicia sem a badalada, com um rio calmo. Gradualmente um Krenak flutuando no Rio Doce enlameado aparece. Imagens dos temas do vídeo aparecem, como os olhares perdidos em direção ao rio e perdas materiais que representem o passado perdido, conectando os assuntos juntos à narração. A conclusão fala sobre os papéis da memória em contextos individuais, coletivos e históricos e como, no fim das contas, ela pode servir também de aprendizado para a mudança, tanto em relação às tragédias quanto de modos mais amplos. O vídeo se encerra com uma placa em uma estrada de Barra Longa (MG), atingida pela lama, indicando uma rota de fuga

(adicionada após o rompimento de Mariana, que atingiu a comunidade), enquanto a narração aborda a possibilidade de mudança que a memória traz.



Figura 7 – Placa de Rota de Fuga em Barra Longa (MG)

4.3 Textos de narração

- **Abertura**

Em 2015, a barragem do “Fundão”, que continha rejeitos de mineração da empresa Samarco estourou na cidade de Mariana (MG). Pouco tempo depois, foi a vez da barragem da Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), também da Samarco, se romper. Juntas, as tragédias ceifaram 289 vidas, além de destruir grande parte da Bacia do Rio Doce, afetando o meio ambiente e a sobrevivência das populações mais próximas.

Observando o tamanho da degradação gerada pelas tragédias, me ocorreu pensar: o que restou àquelas pessoas que foram diretamente atingidas? Assistindo a algumas produções sobre os eventos, obtive uma resposta parcial: a memória. Ela permeia muito fortemente nos depoimentos, imagens e narrativas encontrados, e essa presença frequente me motivou a investigar como ela pode ter sido afetada perante situações tão traumáticas como nos casos de Mariana e Brumadinho, bem como suas possíveis significações em cada contexto, tanto individual quanto coletivo.

- **Capítulo 1 - O tempo e os níveis da Memória**

Para o antropólogo Joël Candau, a memória é ligada à representação e propõe que suas manifestações sejam divididas em três níveis: a “protomemória”, correspondente aos hábitos sociais inconscientes e que se repetem quase automaticamente pelos indivíduos. A “memória

de alto nível”, por sua vez, é a de evocação ativa das lembranças, podendo ser engatilhada por plataformas, como imagens e sons. E, por fim, a “metamemória”, que é a autorrepresentação dessas memórias e como são expostas pelo indivíduo.

Seguindo esta lógica, os desastres perturbaram a ordem destes níveis de uma forma muito impactante. As pessoas que moravam em Bento Rodrigues, por exemplo, perderam não apenas entes próximos, mas também os locais comuns à população, o que afetou profundamente as “protomemórias” de cada indivíduo. O que antes eram locais de frequência quase inconsciente passaram a ser mais uma forma de memória, construções cujos significados mais íntimos existem apenas nos registros e nas lembranças de cada um que ali passou, precisando ser ativamente revisitadas para “voltarem à existência”.

A partir de então, o que restou a muitos logo após as tragédias, foram suas “metamemórias”, como testemunhos, falas e expressões sobre o que eram suas vidas antes dos eventos, mas agora sob uma nova perspectiva. A mudança da ordem dos níveis da memória em decorrência dos desastres faz com que o passado ganhe visões mais otimistas ao ser revisitado - um compreensível saudosismo toma corpo perante a perda e a necessidade de adaptação brusca do modo de vida. Portanto, vemos aqui uma relação da memória representando o resgate do que foi perdido, ou, no mínimo, uma maneira de ressignificá-lo através do tempo; uma forma inconsciente de manter viva a essência individual e coletiva.

- **Capítulo 2 - Não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio**

Vimos, então, que eventos traumáticos podem catalisar mudanças na organização da memória e que ela está suscetível aos efeitos do tempo. Essa noção pode ser expandida quando voltamos o olhar ao que representa o Rio Doce dentro deste contexto. Depois das tragédias, as águas do Rio Doce foram tomadas pela lama tóxica, basicamente inutilizando a principal fonte de água potável da região. Assim, ele tornou-se uma espécie de materialização do sofrimento dos atingidos e dessa lembrança do que foi perdido.

O corpo d’água permanece no mesmo lugar, mas a sua principal função foi completamente deturpada. Assim como os sobreviventes, seu fluxo segue em frente, mas agora ferido, com cicatrizes que talvez nunca se curem. No fim, o rio é esta memória desorganizada que afeta não pela sua ausência, mas por sua presença desfigurada. Dialeticamente ele está lá, ao mesmo tempo em que não está.

- **Capítulo 3 - Só morre quem é esquecido**

A trajetória da lama revela outros pontos de vista sobre os desastres e, observando da outra margem do rio, o povo Krenak carrega consigo outra perspectiva sobre a memória. A manutenção de suas tradições está muito ligada à dança, à cultura oral e rituais próprios, além de uma forte conexão com a natureza, e o Rio Doce ocupa um espaço bastante específico nesse conjunto. Além de grande símbolo do território Krenak, o Uatu, como chamam o Rio Doce, é fonte de vida e espiritualidade ao povo. Após a passagem da lama, essa relação se desestabilizou.

Expressões da protomemória Krenak, como o ato de introduzir as crianças recém-nascidas à água do rio, já não ocorrem mais. A pesca praticamente inexistente e, mesmo depois de quase uma década desde o primeiro rompimento, a água potável ainda é distribuída por caminhões-pipa, e não pelo próprio rio. Assim, as raízes do modo de vida Krenak foram completamente alteradas e talvez a própria definição de quem é o novo indivíduo Krenak em termos de cultura possa ter mudado, já que até ritos praticados no início da vida não são realizados nas gerações recentes em decorrência das tragédias.

Os rompimentos das barragens são apenas algumas das inúmeras violências contra os Krenak que, ao longo dos últimos quatro séculos, vêm sofrendo com instalações de pessoas não-indígenas nas proximidades do Uatu. Porém, é também nesse contexto em que é revelado um outro desdobramento da memória: a resistência. O Uatu, mesmo morto como rio, permanece um elemento vivo na memória das gerações mais antigas que resistem aos múltiplos ataques das atividades extrativistas na região; ele segue sendo um motivo e um motivador da resistência Krenak, tanto em termos culturais como ambientais. Até a própria manutenção do nome “Uatu” é também uma demonstração da potência da memória coletiva como forma de assegurar e transmitir elementos identitários de um povo.

- **Capítulo 4 - A lembrança da possibilidade de mudança**

Os desastres-crime em Mariana e Brumadinho espelham diversas questões memoriais particulares, mas que acabam tangenciando a memória do próprio Brasil enquanto nação. A destruição patrimonial, cultural e ambiental destes eventos nos ajuda a entender a necessidade da valorização do passado individual e coletivo num país cuja história é marcada pelo extrativismo ao custo da vida humana e do meio ambiente. Estes são reflexos de uma memória nossa enquanto brasileiros que não foi superada, uma lembrança que moldou parte da identidade do país através da exploração e do apagamento do passado.

Claro, estamos falando sobre recortes: os relatos, a história e até esse vídeo são feitos de recortes, porém é a escolha de como eles serão representados que é o que mais conta na construção da memória em qualquer contexto. Ao entrar em contato com estas escolhas percebi que a memória faz parte de um processo de autorreflexão individual e coletivo mais amplo do que aparenta ser: apesar da sua vulnerabilidade perante o tempo e às tragédias, ela é fundamental na manutenção das identidades; também é capaz de manter pessoas e culturas vivas e fazer renascer na mente aquilo que um dia se foi. A memória é esse elemento etéreo, mas dúbio, de conforto e de conflito, porém de múltiplas funções, e que tal qual o “Rio que corre”, ela pode nos ajudar a compreender quem somos e, por fim, quem podemos ser como pessoas e comunidades...ela é o que nos resta: uma lembrança da possibilidade de mudança.

4.4 Materiais de arquivo

Os seguintes audiovisuais foram utilizados na confecção do vídeo:

- Filmes:

À Cura do Rio. Direção: Mariana Fagundes. Brasil, 2018;

Doce Rio. Produção: Studio C Films. Brasil, 2015;

Heróis da Lama. Direção: Mariana Queiroz. Brasil, 2019;

Krenak. Direção: Rogério Corrêa. 2017;

Mar de Lama. Direção: Felipe Bretas e Marcelo Caldas. Brasil, 2022;

Rio de Lama. Direção: Tadeu Jungle. Brasil. 2016.

- Reportagens:

16 Dias O Caminho da Lama no Rio Doce. Produção: TV Educativa do Espírito Santo. Brasil, 2016;

Brumadinho: O Documentário da BBC (PARTE 1 e 2). Produção: BBC News Brasil, 2019;

Rio Doce, Rio Morto. Canal Drauzio Varella, 2015.

- Vídeos:

2 - MEMÓRIAS ANCESTRAIS - Corpo de Memória - Ailton Krenak. Canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida, 2023;

Adobe Stock

Conheça o Rio Doce antes e depois da enxurrada de lama. Canal BBC News Brasil, 2015.

Rompimento barragem Samarco Bento Rodrigues MOMENTO EXATO. Canal Arthur RILOS, 2017.

- Imagens:

Adobe Stock

Fotos de Lalo de Almeida e Isabella Santiago - Projeto Rio Doce. FGV, 2022.

Google Earth

- Músicas:

Inspiring Cinematic Ambient. – Lexi Music (3 min.);

Postcard from Celeste Mountain - Lena Raine. (1 min.);

Quiet and Falling - Lena Raine. (7 min.);

Little Goth - Lena Raine. (3 min.).

Tavorians – Garris L. R. Coleman (3 min.)

4.5 Edição e Montagem

A edição e montagem foram realizadas em diferentes etapas. A primeira versão do texto de narração foi gravada e serviu de guia para iniciar os testes de montagem, com praticamente todas as imagens já disponíveis. Depois que o texto foi revisado, as imagens e músicas foram mais bem adaptadas para a proposta, mais detalhada no item abaixo sobre a Pós-Produção. A edição sonora teve foco em torno de regular os sons para manter a narração e os depoimentos audíveis, bem como ajustar os níveis nos inícios e fins de áudio para evitar entradas e saídas abruptas do som, quebrando o fluxo do vídeo. Visualmente, a edição esteve relacionada às mudanças de proporção de tela, filtros de cor e efeitos para criar coesão visual e com o tema da memória, também detalhado no item seguinte.

5 – PÓS-PRODUÇÃO

Toda edição e montagem foi realizada no Adobe Premiere. Com as imagens, vídeos e gravações disponíveis, comecei sincronizando as imagens e vídeos com os trechos da narração cujas conexões já estavam definidas mais claramente desde a primeira escrita do projeto. A sonoridade foi um aspecto que busquei manter sempre ativo no vídeo, não só pela composição geral com as imagens, mas também pela importância dos depoimentos, então procurei manter

a narração sempre em voga e dar espaço para as falas dos atingidos. Sons associados à natureza, como dos pássaros e do rio, também estão presentes como composição de ambiente e liga entre as imagens; e há o som de badaladas, que foi pensado como um indicador sonoro de mudanças de etapas do vídeo, ao mesmo tempo que conversa com a proposta do tema da perda. Os sons produzidos pelos Krenak também foram componentes importantes no conjunto, já que estes ganham uma atenção especial na produção. Músicas também foram utilizadas ao fundo para construir a atmosfera do vídeo.

Em termos de imagens, ainda que juntas à narração na maior parte do tempo, procurei gerar conexões menos explícitas entre fala e visual, buscando construir novos sentidos a partir dessas uniões. A ideia foi trazer de diferentes fontes de arquivo uma convergência de sensações. Um exemplo são as filmagens do Rio Doce, que foram feitas por diferentes produções, por diversos ângulos e perspectivas narrativas, mas que usualmente estão sendo utilizadas para tratar a perda e o passado em si, e me aproveitei disso, usando a mesclagem como principal forma de atingir os objetivos de ressignificação. Adicionei efeitos de granulação ao vídeo e, no início e no fim da produção, a proporção da tela muda de 4:3 para 16:9 e vice-versa (de forma emulada, ao adicionar e remover barras pretas laterais), ambos procedimentos para remeter à câmeras mais antigas e corroborar com a sensação de passado, de memória.

6 – ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADES DO PRODUTO

Por se tratar de um vídeo-ensaio, a produção possui um campo de transmissão bastante amplo. Inicialmente será publicada em plataformas online, como YouTube e Vimeo e promovido via redes sociais, especialmente o Instagram, mas com potencial para passar em festivais do gênero. No YouTube, que será a principal plataforma de disponibilidade, haverá legendas facultativas, mas também haverá uma versão do vídeo com legendas fixas que poderá ser integrado em outras plataformas, a fim de facilitar a inclusão do público que possui alguma deficiência auditiva. As obras utilizadas, tanto imagens quanto sons, são referenciadas dentro dos créditos e nas descrições das futuras publicações na internet. A ideia é que sua exibição ajude a promover reflexões em seus espectadores da maneira mais ampla possível, seja em um meio propício como o acadêmico, seja na internet, onde o público tende a crescer de forma mais ampla.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória depois da lama passou por muitas etapas em sua construção e já possuiu diversas faces. Surgiu como um braço de uma Iniciação Científica em forma de filme-científico,

passou por reformulações profundas e acabou se tornando um vídeo-ensaio muito mais amplo. As decisões não foram fáceis, apesar da familiaridade inicial com as obras utilizadas. Os desafios internos de se produzir algo que fosse concreto e relevante se impuseram em cada tentativa de explorar a montagem, o texto e a coesão de todos os elementos do projeto. Também busquei ao máximo trabalhar os assuntos de maneira que não fossem esvaziadas as consequências das tragédias ou que transformasse as pessoas em meros objetos de análise.

Portanto foi uma produção que também teve cuidado ao abordar as individualidades, reforçando a importância do relato dos afetados, inclusive em respeito aos mesmos. No fim das contas, acredito que foram desafios superados através do resultado do vídeo que passei a valorizar bastante ao perceber suas virtudes. O processo como um todo foi bastante interessante e me possibilitou investigar um pouco mais sobre o processo de montagem que já me interessava bastante, bem como sobre a memória, um assunto fascinante e que possibilitou muitos caminhos a serem seguidos pelo vídeo. Apesar das dificuldades naturais de um trabalho de conclusão de curso, apreciei bastante o resultado, acredito que se tornou um vídeo conciso e que reflete sobre o meu apreço pelo tempo como tema e a minha evolução dentro do curso.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

HOPKINS, Jeff. **Um mapeamento de lugares cinemáticos: Ícones, ideologia e o poder da representação enganosa**. In: Cinema Música e Espaço. CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

MACHADO, Arlindo. **O Filme-Ensaio**. Concinnitas, [S. l.], ano 4, v. 2, n. 5, p. 63-75, 1 dez. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/42804/29556>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

16 Dias O Caminho da Lama no Rio Doce. Produção: TV Educativa do Espírito Santo. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-IUbeqyNXQ>.

À Cura do Rio. Direção: Mariana Fagundes. Brasil, 2018. Disponível em: <https://planetdoc.org/cura-do-rio/>.

Brumadinho: O Documentário da BBC (PARTE 1). Produção: BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIN02W40UTE>.

Brumadinho: O Documentário da BBC (PARTE 2). Produção: BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUIq8pjOU4U>.

Carta da Sibéria. Direção: Chris Marker. 1958. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z3s1qoDXWg4>. Acesso em: 4 ago. 2023.

Doce Rio. Produção: Studio C Films. Brasil, 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/145527950>.

Heróis da Lama. Direção: Mariana Queiroz. Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=37N3cxrDq3A>.

Krenak. Direção: Rogério Corrêa. 2017.

Mar de Lama. Direção: Felipe Bretas e Marcelo Caldas. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=REcmUCyE84U>.

Rio de Lama. Direção: Tadeu Jungle. Brasil. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zQZqqSkJq0>.

São Paulo: Sinfonia e Cacofonia. Direção: Jean-Claude Bernardet. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DLvkl-Ff8Qs>. Acesso em: 4 ago. 2023.

2 - MEMÓRIAS ANCESTRAIS - Corpo de Memória - Ailton Krenak. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7m8C2fKAIX8&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudo ssobreavida. Acesso em: 4 out. 2023.

Conheça o Rio Doce antes e depois da enxurrada de lama. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YgIPoXqIVgQ&ab_channel=BBCNewsBrasil. Acesso em: 4 out. 2023.

Rio Doce, Rio Morto. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=92kDMcz9ISE&ab_channel=DrauzioVarella. Acesso em: 30 set. 2023.

Rompimento barragem Samarco Bento Rodrigues MOMENTO EXATO. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WMHqSp7lse8&t=222s&ab_channel=ArthurRILOS. Acesso em: 2 out. 2023.

MIRANDA, Lucas de. Memória individual e coletiva: Texto lembra que “o esquecimento da tragédia, que poderia representar alívio, só acontecerá no futuro”. [S. l.]: Jornal da Unicamp, 27 maio 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em: 5 ago. 2023.

PORTUGAL, Laura. Sete anos da tragédia-crime em Mariana: morte do Rio Doce impacta a espiritualidade do povo Krenak: Reportagem da Rádio UFMG Educativa mostra como o rompimento da Barragem de Fundão, da Samarco, atravessa, ainda hoje, o modo de vida das aldeias às margens do Rio Doce. [S. l.]: UFMG, 4 nov. 2022. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/7-anos-da-tragedia-crime-em-mariana-morte-do-rio-doce-impacta-a-espiritualidade-do-povo-krenak>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Projeto Rio Doce. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://projetoriadoce.fgv.br/banco-de-narrativas>. Acesso em: 5 ago. 2023.

SALES, Roberta. Memória e o direito de esquecer: Olga Rodrigues de Moraes von Simson reflete sobre o impacto do rompimento da Barragem de Fundão. [S. l.]: Jornal da Unicamp, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/06/07/memoria-e-o-direito-de-esquecer>. Acesso em: 5 ago. 2023.

ALEKSEY CHISTILIN. Inspiring Cinematic Ambient. 2022. (3 min.).

GARRIS L. R. COLEMEN. Tavorians – (3 min.).

LENA RAINE. Little Goth. 2018. (3 min.).

LENA RAINE. Postcard from Celeste Mountain. 2018. (1 min.).

LENA RAINE. *Quiet and Falling*. 2018. (7 min.).